REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

INTERTEXTUALIDADE ENTRE NARRATIVAS LITERÁRIAS, RAP CONTEMPORÂNEO E CINEMA

INTERTEXTUALITY BETWEEN LITERARY NARRATIVES, CONTEMPORARY RAP, AND CINEMA

INTERTEXTUALIDAD ENTRE NARRATIVAS LITERARIAS, RAP CONTEMPORÁNEO Y CINE

Manoel Rosa Gomes
Mestre em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Brasil
E-mail: manoeldomaranhao@gmail.com

Filiphe Chagas de Lucas
Mestrando em Cognição e Linguagem
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, Brasil
E-mail: filiphechagasdelucas@yahoo.com.br

Edineia Lavandoski Bueno
Mestra em Linguística
Universidade Estadual de Maringá - UEM, Brasil
E-mail: edineialavandoski@gmail.com

Emerson Mello da Costa
Mestre em Educação
Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, Brasil
E-mail: profemersoncosta@gmail.com

Thiago Benitez de Melo
Doutor em Sociedade, Cultura e Fronteiras
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Brasil
E-mail: thiagobenitezm@gmail.com

Damião de Almeida Manuel
Doutorando em Educação
Universidade Rainha Njinga a Mbande - URNM, Angola
E-mail: damiaomanuel@uninjingambande.ed.ao

Adria Kimie Zensque Falchione
Especialista em Primeira Infância
Universidade de Brasília - UNB, Brasil
E-mail: adriafalchione@gmail.com

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

Cristiane Aparecida Pereira de Oliveira
Mestranda em Letras
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, Brasil
E-mail: cristiane.apo@aluno.ufop.edu.br

Resumo

Este artigo investiga a intertextualidade entre narrativas literárias, rap contemporâneo e cinema, compreendendo-a como um mecanismo estruturante de produção cultural na contemporaneidade. A pesquisa parte de referenciais do dialogismo e da intertextualidade (Bakhtin, Kristeva) e da transtextualidade (Genette), articulados a estudos de adaptação e intermidialidade (Hutcheon; Stam; Rajewsky), para analisar como citações, alusões, sampling, remix e referências audiovisuais organizam sentidos e disputas simbólicas em diferentes linguagens. Os resultados apontam quatro eixos recorrentes de diálogo: (i) intertextualidade verbal e referencial, com citações e alusões a obras e personagens; (ii) intertextualidade material/sonora, baseada em sampling e montagem de arquivo; (iii) intertextualidade audiovisual, com apropriações de gêneros, enquadramentos e iconografias do cinema; e (iv) intertextualidade estrutural, em que formas narrativas (voz, focalização, temporalidade e arco dramático) circulam entre os campos. Discute-se que tais relações operam funções estéticas e políticas: constroem memória social, legitimam pertencimentos, reescrevem repertórios canônicos e disputam o direito de narrar experiências periféricas. Propõe-se, ao final, um modelo interpretativo em três modos predominantes — filiação, conflito e montagem — útil para leituras comparativas em estudos literários e culturais, bem como para práticas pedagógicas de letramento literário e midiático.
Palavras-chave: Intertextualidade; Rap contemporâneo; Cinema; Narrativas literárias; Sampling; Intermidialidade; Adaptação; Cultura urbana.

Abstract

This article examines intertextuality among literary narratives, contemporary rap, and cinema, framing it as a structuring mechanism of cultural production in contemporary society. Drawing on dialogism and intertextuality (Bakhtin, Kristeva) and transtextuality (Genette), alongside adaptation and intermediality studies (Hutcheon; Stam; Rajewsky), the analysis explores how quotation, allusion, sampling, remix, and audiovisual references shape meanings and symbolic disputes across media. Findings highlight four recurring axes of dialogue: (i) verbal/referential intertextuality through explicit citations and allusions; (ii) material/sonic intertextuality grounded in sampling and archival montage; (iii) audiovisual intertextuality through the appropriation of cinematic genres, framings, and iconographies; and (iv) structural intertextuality, in which narrative forms (voice, focalization, temporality, and dramatic arc) circulate across fields. The discussion argues that these intertextual relations perform both aesthetic and political functions: they build social memory, legitimize identities, rewrite canonical repertoires, and dispute the right to narrate peripheral experiences. The article concludes by proposing an interpretive model with three dominant modes—affiliation, conflict, and montage—useful for comparative readings in literary and cultural studies and for pedagogical practices in literary and media literacy.
Keywords: Intertextuality; Contemporary rap; Cinema; Literary narratives; Sampling; Intermediality; Adaptation; Urban culture.

Resumen

Este artículo analiza la intertextualidad entre narrativas literarias, rap contemporáneo y cine, entendiéndola como un mecanismo estructurante de la producción cultural en la contemporaneidad.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

La investigación se apoya en el dialogismo y la intertextualidad (Bakhtin, Kristeva) y en la transtextualidad (Genette), articulados con estudios de adaptación e intermedialidad (Hutcheon; Stam; Rajewsky), para examinar cómo la cita, la alusión, el *sampling*, el *remix* y las referencias audiovisuales organizan sentidos y disputas simbólicas entre lenguajes. Los resultados señalan cuatro ejes recurrentes de diálogo: (i) intertextualidad verbal y referencial mediante citas y alusiones; (ii) intertextualidad material/sonora basada en *sampling* y montaje de archivo; (iii) intertextualidad audiovisual a través de la apropiación de géneros, encuadres e iconografías del cine; y (iv) intertextualidad estructural, en la que circulan formas narrativas (voz, focalización, temporalidad y arco dramático). Se discute que estas relaciones cumplen funciones estéticas y políticas: construyen memoria social, legitiman pertenencias, reescriben repertorios canónicos y disputan el derecho a narrar experiencias periféricas. Finalmente, se propone un modelo interpretativo en tres modos predominantes—filiación, conflicto y montaje—útil para lecturas comparativas en estudios literarios y culturales, así como para prácticas pedagógicas de alfabetización literaria y mediática.
Palabras clave: Intertextualidad; Rap contemporáneo; Cine; Narrativas literarias; Sampling; Intermedialidad; Adaptación; Cultura urbana.

1. Introdução

A intertextualidade, como conceito e como prática cultural, tornou-se uma das chaves mais produtivas para compreender as formas contemporâneas de produção de sentido. Em um mundo atravessado por fluxos midiáticos intensos, pela circulação acelerada de referências e pela reconfiguração constante de linguagens, textos e imagens dialogam entre si em múltiplos níveis: explícito, implícito, paródico, reverente, crítico, afetivo. A literatura, historicamente associada ao primado da palavra escrita e à estabilidade do suporte livro, convive hoje com ecossistemas expressivos nos quais o rap contemporâneo e o cinema ocupam papel central na criação de narrativas, identidades e memórias coletivas. Ao investigar a intertextualidade entre narrativas literárias, rap e cinema, este artigo parte do pressuposto de que nenhum texto existe em isolamento: todo discurso nasce de outros discursos, reescreve repertórios anteriores e se insere em tradições e disputas simbólicas. Em vez de tratar literatura, rap e cinema como territórios separados — um “erudito”, outro “popular”, outro “industrial” —, propomos observá-los como camadas de uma mesma cultura narrativa, conectadas por procedimentos formais, temas recorrentes e, sobretudo, por estratégias de reapropriação e ressignificação.

A noção de intertextualidade, associada aos trabalhos de Julia Kristeva e ao legado do dialogismo de Bakhtin, permite compreender o texto como um “mosaico de citações” e como espaço de encontro entre vozes sociais diversas.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

No horizonte contemporâneo, essa perspectiva se amplia: além do texto verbal, temos intertextualidades audiovisuais, sonoras, performáticas, corporais. O rap, por sua própria constituição estética, opera como máquina de intertextos: cita, sampleia, referencia, recorta, remix, retoma mitos, reescreve histórias, dialoga com tradições orais e com cânones literários, e transforma experiências individuais em narrativas coletivas. O cinema, por sua vez, nasce intertextual: adapta obras literárias, recicla gêneros, referencia estilos, cita filmes anteriores, constrói universos e se comunica com a música como componente narrativo. Assim, a intertextualidade entre os três campos não é um fenômeno periférico, mas estrutural: ela revela como as narrativas se constroem por meio de redes de referências e como diferentes formas artísticas disputam sentidos sobre a vida social.

Do ponto de vista da literatura, intertextualidade sempre existiu como diálogo com tradições. O romance moderno se constituiu frequentemente como conversa, contestação ou reinvenção de formas anteriores: epopeias, tragédias, mitos, contos populares. O poema, por sua vez, raramente é “puro”: traz ecos de outros poemas, reconfigura figuras, retoma imagens, faz da alusão um método de escrita. A modernidade literária intensificou esse procedimento, elevando-o à condição de estética: colagem, fragmento, montagem, paródia, pastiche. O que muda no presente é que as fronteiras entre sistemas culturais se tornam mais porosas: o rap contemporâneo dialoga diretamente com a literatura (ao incorporar narrativas, personagens e metáforas literárias) e com o cinema (ao construir cenas, planos, personagens e roteiros sonoros). Ao mesmo tempo, o cinema captura o rap como testemunho social, como estética e como dramaturgia urbana, enquanto a literatura absorve procedimentos de montagem e ritmo que se aproximam da lógica audiovisual e musical. Em suma, o campo literário não desaparece: ele se reconfigura em uma rede de linguagens.

No rap contemporâneo, a intertextualidade aparece em duas dimensões centrais: a material e a simbólica. A material envolve o sample, a citação sonora, o fragmento musical que, deslocado de seu contexto original, ganha novo sentido ao ser inserido numa nova composição. Essa prática é, em si, uma “escrita” com

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

sons: um modo de montar memória, tradição e crítica em um mesmo corpo musical. Já a dimensão simbólica envolve referências verbais e narrativas: o rapper retoma histórias bíblicas, clássicos literários, mitos nacionais, filmes icônicos, imagens de noticiário, slogans de propaganda, falas de políticos, gírias de bairro, e insere tudo isso na trama de uma canção. O rap opera como arquivo e como tribunal: guarda lembranças, reescreve versões e contesta narrativas oficiais. Ao contar histórias de periferia, racismo, violência, sobrevivência, amor, fé, ascensão e queda, o rap frequentemente mobiliza a figura do "herói trágico", do "anti-herói", do "narrador-testemunha", categorias presentes na literatura e no cinema. Assim, a intertextualidade não é ornamentação: é método de produção de sentido e de construção de identidade.

Já o cinema, como linguagem de montagem, possui afinidade profunda com a lógica intertextual. A montagem é, em certa medida, uma forma de citação: recortar, recombinar, aproximar planos, criar relações entre imagens e sons. O cinema também opera por gêneros — e gêneros são bibliotecas intertextuais. Um filme policial conversa com uma tradição de policiais anteriores; um filme de gângster dialoga com mitos e imagens sedimentadas; um drama social responde a convenções de realismo; um filme de fantasia retoma arquétipos. Quando o rap entra no cinema, entra como trilha, personagem, universo, ritmo, linguagem. Quando a literatura entra no cinema, entra por adaptação, por inspiração, por apropriação de estruturas narrativas. E quando o cinema retorna ao rap, retorna como cena, referência, estética de videoclipe, metáfora de enquadramento ("close", "câmera lenta", "corte seco"), ou como imaginário de sucesso e queda (celebridade, dinheiro, fama, perseguição). A cultura audiovisual, portanto, não apenas convive com a literatura: ela a transforma e é transformada por ela.

É importante, contudo, evitar uma leitura superficial da intertextualidade como simples "lista de referências". Intertextualidade não é apenas apontar que um rapper citou um livro, que um filme adaptou um romance ou que uma letra faz menção a um personagem. A questão mais relevante é **o que a referência faz**: qual a função estética, política e afetiva daquele diálogo? O intertexto pode legitimar, ironizar, subverter, homenagear, desafiar, reescrever de baixo para

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

cima. Um rapper pode citar um clássico para disputar lugar no campo cultural, mostrando domínio de um repertório historicamente associado a elites; ou pode subverter esse clássico para denunciar sua distância da vida real. Um filme pode adaptar uma obra literária para ampliar seu público; ou pode reinterpretá-la para atualizar conflitos e reposicionar personagens. Uma narrativa literária pode absorver ritmo e oralidade do rap para produzir uma escrita que se aproxima da performance. Em cada caso, intertextualidade é um mecanismo de poder: ela revela quem tem autorização para citar, quem é citado, como e para quê.

Nesse sentido, o tema deste artigo se insere em debates contemporâneos sobre canonização, cultura popular, indústria cultural e disputas por legitimidade. Historicamente, a literatura ocupou lugar privilegiado na hierarquia cultural, e o rap foi frequentemente marginalizado como produto “menor”, associado a juventude, periferia, violência ou “subcultura”. O cinema, por sua vez, oscilou entre arte e indústria, recebendo reconhecimento estético em alguns círculos e sendo acusado de massificação em outros. A intertextualidade entre esses campos, portanto, também é uma disputa sobre o que conta como arte, sobre o que é conhecimento e sobre quais narrativas são dignas de memória. Ao investigar conexões intertextuais, podemos observar movimentos de deslocamento: o rap reivindica estatuto de literatura oral contemporânea; o cinema incorpora o rap para construir verossimilhança urbana e crítica social; a literatura se abre para linguagens periféricas e audiovisuais, reconfigurando seu próprio modo de narrar. Esses movimentos não são homogêneos nem pacíficos: há apropriações superficiais, exotizações, cooptamentos, mas também há diálogos produtivos e emancipatórios.

Um dos aspectos mais ricos dessa intertextualidade é a circulação de estruturas narrativas comuns. A literatura clássica e moderna oferece modelos de trama — jornada, queda, formação, vingança, redenção — que reaparecem no rap e no cinema. O rap frequentemente narra trajetórias em primeira pessoa, com forte densidade autobiográfica ou testemunhal, aproximando-se do romance realista, do memorialismo e da crônica urbana. Ao mesmo tempo, o rap utiliza recursos poéticos intensos: metáforas, aliterações, rimas internas, repetições, refrões

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

como coro trágico. Essa combinação cria um tipo de narrativa híbrida: é ao mesmo tempo poema, relato, manifesto e roteiro. No cinema, essas estruturas se tornam visuais: a câmera acompanha um personagem em transformação, alterna pontos de vista, monta temporalidades. Quando a literatura atravessa o rap e o cinema, atravessa também um conjunto de categorias narrativas: narrador, focalização, tempo, espaço, personagem, conflito. A intertextualidade, portanto, não é apenas temática; ela é formal e estruturante.

Além disso, a intertextualidade entre rap e cinema ganha força com o advento do videoclipe como forma narrativa autônoma. O videoclipe, que nasce como produto audiovisual para divulgar uma música, tornou-se um laboratório de experimentação estética: montagem rápida, narrativas fragmentadas, estética de rua, performance, simbolismo visual, referências cinematográficas explícitas. Muitos clipes de rap contemporâneo funcionam como curtas-metragens, com personagens, cenas e continuidade dramática. Ao mesmo tempo, o cinema absorve a estética do videoclipe, especialmente em filmes que retratam juventude urbana, periferias e culturas musicais. Nesse circuito, a intertextualidade se intensifica: um clipe cita um filme; o filme cita o clipe; ambos citam uma obra literária; e o espectador, ao reconhecer ou não reconhecer essas camadas, participa de um jogo interpretativo.

Outro ponto crucial é o papel da intertextualidade na construção de memória social e identitária. Rap e cinema frequentemente funcionam como arquivos de experiências coletivas: narram racismo, desigualdade, violência policial, luta por sobrevivência, sonhos e frustrações. Ao dialogar com narrativas literárias — especialmente aquelas que tematizam opressão, marginalidade, resistência — o rap e o cinema se inserem em tradições de crítica social e ampliam o alcance dessas tradições. Ao mesmo tempo, ao reescreverem essas narrativas a partir de novos lugares de fala, eles alteram o próprio cânone: incorporam linguagens periféricas, gírias, ritmos e experiências que antes eram excluídas. Assim, intertextualidade aqui é também mecanismo de reescrita histórica: uma forma de dizer “nossa história também é literatura”, “nossa vida também merece cinema”, “nossa voz também pertence ao arquivo”.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

Há ainda a dimensão da intertextualidade como jogo de reconhecimento cultural. Referências literárias e cinematográficas podem operar como códigos de pertencimento: quem reconhece a alusão se sente incluído num círculo interpretativo; quem não reconhece pode sentir-se excluído. O rap contemporâneo joga com isso de maneira singular: mistura referências de alta cultura e cultura de massa, cita tanto clássicos quanto memes, tanto romances quanto séries, tanto filosofia quanto linguagem de rua. Essa mistura desafia hierarquias e produz uma estética de bricolagem. O cinema, igualmente, pode misturar repertórios: filmes autorais que dialogam com literatura e rap; filmes comerciais que usam rap como energia urbana; documentários que constroem narrativas com canções como fio condutor. O resultado é uma cultura narrativa profundamente híbrida, na qual o sentido nasce do encontro entre repertórios.

Diante desse panorama, este artigo parte de um problema central: **como a intertextualidade entre narrativas literárias, rap contemporâneo e cinema produz novas formas de narrar a experiência social e de disputar legitimidade cultural?** Em termos de objetivos, buscamos: (1) discutir conceitos e categorias fundamentais de intertextualidade, dialogismo e adaptação; (2) mapear modos de ocorrência do intertexto nos três campos (citação, alusão, sample, paródia, adaptação, referência visual/sonora); (3) analisar como esses diálogos produzem efeitos estéticos (ritmo, montagem, voz narrativa), políticos (crítica social, identidade, resistência) e institucionais (canonização, circulação, indústria cultural). Ao fazer isso, pretendemos oferecer uma leitura que supere o inventário de referências e se concentre nas funções do intertexto como mecanismo de construção de sentido.

O texto também assume uma posição metodológica implícita: tratar rap e cinema como práticas legítimas de narrativa e interpretação do mundo, capazes de dialogar com a literatura sem subordinação. Isso não significa negar diferenças: a literatura opera por linguagem escrita, o rap por performance sonora e poética, o cinema por imagem em movimento e montagem. Mas significa reconhecer que a cultura contemporânea não se organiza por fronteiras fixas, e sim por trânsito, remix e reescrita. Nessa perspectiva, a intertextualidade não é um detalhe

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

decorativo; é a forma pela qual as narrativas sobrevivem, circulam, resistem e se reinventam.

Por fim, ao abordar a intertextualidade entre literatura, rap e cinema, também discutimos as implicações pedagógicas e culturais desse diálogo. Em contextos educacionais, por exemplo, reconhecer o rap como texto intertextual pode ampliar práticas de letramento literário e midiático, aproximando estudantes de repertórios clássicos sem impor hierarquias opressivas. No campo cultural, compreender o cinema e o rap como espaços de reescrita de narrativas literárias pode ajudar a mapear como se formam imaginários sociais e como se constroem representações de raça, classe, gênero e território. O estudo da intertextualidade, portanto, é também estudo de sociedade: revela os caminhos pelos quais uma cultura se conta a si mesma, disputa seus símbolos e produz sentido compartilhado.

Em síntese, investigar a intertextualidade entre narrativas literárias, rap contemporâneo e cinema é investigar o modo como a cultura contemporânea narra conflitos e desejos, reconfigura tradições e cria novas formas de memória. A literatura não é apenas origem; é parte de um circuito. O rap não é apenas "música"; é narrativa, poesia e arquivo. O cinema não é apenas "imagem"; é montagem de mundos, tradução de conflitos e reescrita de repertórios. Ao cruzarmos esses campos, encontramos uma constelação de vozes que, mesmo quando discordam, se respondem. E é nesse diálogo — múltiplo, tenso, criativo — que se desenham os caminhos contemporâneos da narrativa.

2. Metodologia

2.1.Delineamento e abordagem do estudo

Este estudo foi estruturado como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica e analítico-interpretativa, orientada por uma perspectiva interdisciplinar que articula teoria literária, estudos culturais, musicologia do rap e teoria do cinema. A escolha por um desenho qualitativo decorre do fato de que a intertextualidade é um fenômeno eminentemente interpretativo, relacionado à produção de sentidos, à circulação de discursos e ao reconhecimento de vozes e repertórios em diferentes

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

linguagens. Nesse sentido, adotamos a intertextualidade como categoria de análise a partir da formulação de Julia Kristeva (1969), em diálogo com o conceito de dialogismo e heteroglossia de Mikhail Bakhtin (1981), bem como com contribuições sobre transtextualidade de Gérard Genette (1982). Para a dimensão da adaptação e transposição entre mídias, utilizamos referenciais de Linda Hutcheon (2006) e Robert Stam (2005), complementados por estudos de intermidialidade que reconhecem o trânsito entre sistemas semióticos (Rajewsky, 2005). Essa base teórica fundamenta o desenho metodológico ao permitir analisar a intertextualidade não apenas como citação explícita, mas como rede de relações formais, temáticas e estilísticas entre literatura, rap e cinema.

2.2 Questões de pesquisa e objetivos operacionais

A investigação foi guiada por três questões: (i) quais tipos de intertextualidade (citação, alusão, paródia, pastiche, sampling, referência visual/sonora, adaptação) emergem no encontro entre narrativas literárias, rap contemporâneo e cinema?; (ii) quais funções estéticas e políticas essas relações intertextuais desempenham (legitimação cultural, crítica social, construção identitária, memória coletiva)?; (iii) como os procedimentos de montagem (cinema), de sample/remix (rap) e de reescritura (literatura) convergem para formar uma “poética da circulação” típica das culturas contemporâneas? A partir dessas questões, definimos como objetivos operacionais: mapear ocorrências intertextuais em um corpus triádico (literatura–rap–cinema), classificar os mecanismos de relação, e interpretar efeitos de sentido em termos de forma narrativa, voz, temporalidade e representação social.

2.3. Corpus e critérios de seleção

O corpus foi constituído por três subconjuntos articulados: (A) obras literárias (romance, conto, poesia e crônica) reconhecidas por sua relevância temática e por sua presença direta ou indireta no imaginário mobilizado por raps e filmes; (B) letras e videoclipes de rap contemporâneo (Brasil e eixo atlântico anglófono) que apresentassem densidade narrativa e presença verificável de referências literárias e cinematográficas; (C) filmes (ficção e documentário) que dialogassem com o rap como narrativa social ou que realizassem adaptações/releituras de estruturas literárias com estética urbana contemporânea. O recorte temporal priorizou

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

produções de 1990 a 2025, período em que se intensifica a convergência midiática e a consolidação do rap como forma narrativa global (Rose, 1994; Chang, 2005). A seleção do corpus seguiu critérios de: (1) relevância cultural (impacto reconhecido por crítica, circulação e influência); (2) potencial intertextual (presença de referências explícitas, samplings, citações e alusões identificáveis); (3) diversidade de repertórios (periferia/centro; cânone/contracânone; mainstream/independente); (4) disponibilidade de materiais (letras, registros audiovisuais, entrevistas e fontes secundárias confiáveis).

2.4. Estratégias de coleta e organização do material

A coleta ocorreu em três frentes complementares. Na frente bibliográfica, levantamos obras teóricas fundamentais e artigos em bases como Scopus, Web of Science, SciELO e Google Scholar, com termos em português e inglês: *intertextuality*, *dialogism*, *transtextuality*, *adaptation studies*, *intermediality*, *hip hop studies*, *rap narratives*, *cinema and music*, *sampling*, *remix culture*. Para o rap, utilizamos letras oficiais (encartes, plataformas verificadas e publicações autorizadas), videoclipes oficiais e, quando pertinente, entrevistas de artistas em veículos reconhecidos, aplicando triangulação para validar referências. Para o cinema, selecionamos versões oficiais dos filmes e material paratextual (trailers, entrevistas, making-of), considerando a importância dos paratextos na construção de sentidos (Genette, 1987). Todo o material foi organizado em um banco de dados com metadados: título, ano, país, gênero, temas, e "marcadores intertextuais" preliminares (citações diretas, alusões, samples, referências visuais).

2.5. Procedimento analítico: leitura em camadas e codificação

A análise foi conduzida por um procedimento em camadas, inspirado em princípios de análise textual e discursiva. Primeiro, realizamos uma leitura/visualização exploratória para identificar "pontos de intertexto" (trechos de letra, cenas, imagens ou elementos sonoros que remetem a outro texto). Em seguida, aplicamos codificação temática e formal por meio de categorias operacionais baseadas em Genette (1982): **intertextualidade** (citação, plágio, alusão), **paratextualidade** (títulos, epígrafes, capas, créditos, trailers), **metatextualidade** (comentário crítico de um texto sobre outro), **hipertextualidade** (transformação—paródia, pastiche; e

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

imitação) e **arquitextualidade** (relações de gênero). Para o rap, incluímos a categoria "intertextualidade material" do sampling e do remix, discutida em estudos de cultura hip-hop e cultura digital (Rose, 1994; Lessig, 2008), além de categorias de performance e oralidade. Para o cinema, incorporamos categorias de linguagem audiovisual (montagem, enquadramento, mise-en-scène) com apoio de autores como Bordwell e Thompson (2008), pois muitas referências são visuais e não verbais.

Após a codificação inicial, realizamos uma segunda rodada de análise interpretativa para identificar **funções** do intertexto: (a) legitimação e disputa por cânone (quando o rap mobiliza repertórios literários para reivindicar capital cultural); (b) crítica social e reescrita histórica (quando referências reorganizam narrativas oficiais); (c) construção identitária e territorial (quando o intertexto marca pertencimento); (d) humor, ironia e paródia (subversão); (e) "montagem de memória" (quando sampling e referências constroem arquivo afetivo). Essa etapa dialogou com a perspectiva de Stuart Hall (1997) sobre representação e com estudos de cultura e poder simbólico, sem reduzir os objetos a "ilustrações sociológicas".

2.6. Intermidialidade e adaptação: critérios de análise comparativa

Para comparar literatura, rap e cinema, utilizamos um quadro de intermidialidade inspirado em Rajewsky (2005), distinguindo: (1) **transposição** (adaptação direta de obra literária para cinema, por exemplo); (2) **combinação de mídias** (videoclipe como forma híbrida de música e audiovisual); (3) **referência intermidiática** (quando a letra "cita" um filme ou quando a imagem do clipe simula uma estética cinematográfica). Para a adaptação, seguimos Hutcheon (2006) ao compreender adaptação como "repetição sem replicação", enfatizando que a transformação envolve escolhas estéticas e políticas; e Stam (2005) ao criticar a lógica de "fidelidade" como critério único, propondo olhar para o que se ganha e o que se perde na transposição.

2.7. Validação interpretativa e triangulação

Como toda pesquisa interpretativa enfrenta o risco de superinterpretação, adotamos três estratégias de validação. A primeira foi a triangulação de fontes: confirmar referências por entrevistas, encartes, comentários oficiais, ou repetição

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

consistente de motivos em diferentes obras. A segunda foi a triangulação teórica: cruzar leituras de intertextualidade (Kristeva, Bakhtin, Genette) com estudos de hip-hop e cinema, evitando enquadramentos únicos. A terceira foi a validação por "coerência interna": uma interpretação foi aceita quando conseguia explicar múltiplos elementos (verbal, sonoro e visual) de forma consistente, conforme recomendações de rigor em pesquisa qualitativa discutidas por Creswell (2014) e Miles, Huberman e Saldaña (2014). Além disso, realizamos "contrachecagem" em trechos ambíguos: sempre que uma referência pudesse ser coincidência, ela foi classificada como "alusão provável" e não como "citação confirmada".

2.8. Considerações éticas e limites do método

Por se tratar de pesquisa bibliográfica e análise de obras publicadas, não houve coleta de dados com participantes humanos. Ainda assim, observamos cautela com direitos autorais, evitando reproduções extensas de letras e roteiros, e preferindo paráfrases analíticas. Reconhecemos limitações: (i) o corpus não esgota a diversidade do rap e do cinema contemporâneos; (ii) a disponibilidade de entrevistas e comentários oficiais varia por artista; (iii) intertextualidade pode operar de modo subterrâneo, sem confirmação autoral, exigindo prudência. Apesar disso, o método adotado permite mapear padrões e propor um framework interpretativo replicável em outros corpora, oferecendo um caminho sólido para compreender como literatura, rap e cinema se conectam na cultura narrativa contemporânea.

3. Resultados e Discussão

Os resultados desta investigação confirmam que a intertextualidade entre narrativas literárias, rap contemporâneo e cinema não é um fenômeno episódico, mas um **modo estruturante de produção cultural** no presente. A análise do corpus triádico evidenciou que, em diferentes escalas (da citação explícita ao eco formal), literatura, rap e cinema operam como sistemas em diálogo contínuo, compartilhando procedimentos narrativos, repertórios simbólicos e dispositivos de legitimação cultural. As relações intertextuais identificadas podem ser agrupadas em quatro macroconjuntos: (1) intertextualidade **verbal e referencial** (citações, alusões, epígrafes, nomes próprios, imagens literárias); (2)

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

intertextualidade **material e sonora** (sampling, remix, colagem, “recortes” de arquivo); (3) intertextualidade **audiovisual e estética** (citações de enquadramento, gênero, mise-en-scène, montagem e iconografia); e (4) intertextualidade **estrutural e narrativa** (formas de narrar, construção de personagem, temporalidade, focalização, arco dramático e arquétipos). O mais relevante, contudo, não foi apenas mapear “onde” as referências aparecem, mas demonstrar “para quê” elas operam: legitimar, subverter, arquivar memória, denunciar, construir identidade e disputar o direito de narrar.

3.1) Intertextualidade verbal: do “nome citado” à disputa por cânone

O primeiro conjunto de resultados mostra que a intertextualidade verbal no rap contemporâneo tende a operar em dois registros simultâneos: um registro de **reconhecimento cultural** e um registro de **reapropriação crítica**. No registro de reconhecimento, a referência literária ou cinematográfica funciona como marcador de repertório e como “senha” de pertencimento interpretativo. São recorrentes menções a personagens arquetípicos (o herói trágico, o anti-herói, o narrador-testemunha), a mitos clássicos e a imagens literárias sedimentadas (a queda, a travessia, o labirinto, o exílio). Nesses casos, a referência cumpre papel semelhante ao da epígrafe na literatura: cria expectativa, orienta leitura e posiciona o texto em uma tradição. Porém, o rap não cita apenas para “mostrar erudição”. A análise indica que, com frequência, a citação é tática: ela reivindica o direito de ocupar um espaço historicamente negado à cultura periférica, ao mesmo tempo em que afirma que o cânone pode ser reescrito de baixo para cima.

No registro de reapropriação crítica, a intertextualidade verbal aparece como forma de **reprogramar o sentido** do texto citado. Uma obra literária pode ser convocada para evidenciar sua distância da vida social narrada no rap; um personagem clássico pode ser deslocado para a periferia e, assim, ganhar nova densidade política. Esse procedimento, identificado em várias letras analisadas, se aproxima do que Genette descreve como hipertextualidade por transformação: o texto posterior não só remete ao anterior, mas o “reconfigura” por ironia, deslocamento, inversão de valores ou atualização social. Ao mesmo tempo, o efeito de sentido gerado não é neutro: ao inserir uma referência “consagrada” em uma narrativa de desigualdade, o rap não apenas dialoga com a literatura; ele questiona **quem** foi autorizado a representar a experiência social como literatura. A intertextualidade,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

assim, funciona como mecanismo de disputa simbólica e de "reivindicação de autoria social".

3.2) O rap como narrativa: voz, testemunho e montagem de mundos

O segundo conjunto de resultados revela que o rap contemporâneo frequentemente se organiza como narrativa em primeira pessoa, com forte caráter autobiográfico, documental ou testemunhal. Essa forma narrativa se aproxima de tradições literárias como a crônica urbana, o romance social, o memorialismo e, em alguns casos, a narrativa confessionária. O diferencial é que o rap realiza essa narrativa com recursos próprios: rima, ritmo, repetição, refrão como "coro" e performance como dimensão semântica. A intertextualidade com a literatura, nesse caso, é menos uma lista de referências e mais uma convergência estrutural: muitos raps "funcionam" como microcontos, cenas romanescas ou capítulos condensados, nos quais a construção de cenário e personagem é feita por imagens rápidas e cortes discursivos.

Do ponto de vista do cinema, isso se intensifica: diversas letras analisadas apresentam vocabulário e imagética cinematográfica, operando com termos de enquadramento ("cena", "corte", "plano", "câmera lenta"), com alternância de foco narrativo e com montagem de sequências. Esse achado reforça a ideia de que o rap contemporâneo internalizou a gramática audiovisual como modo de narrar, produzindo um texto que não é apenas "para ser lido", mas para ser "visto" mentalmente. O rap, aqui, se mostra como linguagem intermidial por natureza: texto, som e performance formam um único corpo expressivo. Em termos bakhtinianos, o rap aparece como espaço de heteroglossia: nele coexistem vozes de bairro, vozes do noticiário, vozes religiosas, vozes filosóficas, vozes do entretenimento e vozes do arquivo familiar. O resultado é uma narrativa polifônica que, ao mesmo tempo, documenta e dramatiza, denuncia e estetiza, vivendo na tensão entre realismo e elaboração poética.

3.3) Intertextualidade material: sampling, remix e "arquivo afetivo"

O terceiro conjunto de resultados concentra-se na intertextualidade material, típica do rap: o **sampling**. Aqui, a intertextualidade deixa de ser apenas um fenômeno de linguagem verbal e se torna um fenômeno físico-sonoro. Ao recortar um fragmento

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

musical preexistente e reinscrevê-lo em outro contexto, o rap produz um tipo de "citação" que opera como memória sonora. O sampling não é apenas homenagem; é um ato de montagem que pode funcionar como comentário, ironia, contraste ou ressignificação. Um sample de soul ou samba pode criar atmosfera afetiva, remeter a um passado comunitário e, ao mesmo tempo, servir como contraponto à dureza da narrativa atual. A música citada se torna "documento" e "fantasma": ela carrega consigo o lastro de seu tempo e é reativada no presente.

Essa lógica aproxima o rap da estética da montagem no cinema e da colagem em tradições literárias modernas. O resultado empírico mais forte aqui foi reconhecer que o rap contemporâneo atua como **museu móvel** e **arquivo vivo**, sobretudo em contextos periféricos onde o acesso a instituições formais de memória (bibliotecas, museus) é desigual. O rap arquiva experiências, gírias, ritmos, perdas e celebrações; e o sample, nesse processo, é um dispositivo de preservação e atualização. Isso também tem função política: ao citar sons "negros" e "populares", o rap reivindica genealogias culturais e reafirma que a modernidade brasileira e global tem raízes em tradições historicamente marginalizadas. O remix, portanto, é uma forma de historiografia estética.

3.4) Cinema como matriz de imaginário: gêneros, arquétipos e iconografia

No quarto conjunto de resultados, o cinema emerge como matriz de imaginário extremamente poderosa para o rap contemporâneo e para a literatura atual que dialoga com periferias e cultura urbana. As referências cinematográficas aparecem em três camadas: (a) citação direta de filmes, cenas e personagens; (b) adoção de **gêneros** cinematográficos como moldura narrativa (filme policial, gângster, coming-of-age, drama social); (c) apropriação de **iconografias** (armas, carros, dinheiro, becos, sirenes, luzes de neon, helicópteros, prisões, tribunal, igreja). Essa iconografia cumpre papel duplo: por um lado, dá "verossimilhança" ao universo narrado; por outro, evidencia como a experiência social é mediada por imagens — inclusive por imagens que podem reforçar estereótipos sobre periferia e criminalidade.

A discussão aqui é decisiva: a intertextualidade com o cinema pode ser emancipatória (quando reescreve representações e cria novas perspectivas) ou

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

pode ser reprodutora de clichês (quando copia repertórios sem crítica). O corpus revelou ambos os movimentos. Em alguns casos, o rap cita filmes de gângster para denunciar a sedução e o custo do poder; em outros, a referência aparece como fantasia de ascensão e como estética do "hustle" sem problematização. O cinema, portanto, funciona como "biblioteca de narrativas" que pode ser usada para subversão ou para reforço de mitos. O mesmo vale para a literatura contemporânea que dialoga com rap e cinema: quando absorve a estética do crime como exotização, tende a reiterar hierarquias; quando utiliza a estética para deslocar o ponto de vista e expor a estrutura social, produz crítica.

3.5) Videoclipe como forma-limite: a intermidialidade em estado puro

Um resultado particularmente relevante foi a centralidade do **videoclipe** como espaço privilegiado de intertextualidade entre rap e cinema, e como ponte indireta com a literatura. O videoclipe opera como curta-metragem: tem roteiro, personagens, ambientação, montagem, símbolos recorrentes e, muitas vezes, estrutura narrativa com começo, conflito e resolução. Ao mesmo tempo, o clipe costuma condensar narrativas em fragmentos, operando com ritmo acelerado, elipses e imagens simbólicas — aproximando-se da poesia por montagem e sugestão. Essa forma híbrida intensifica a intertextualidade porque permite citar cinema de modo visual (enquadramentos icônicos) e literatura de modo simbólico (imagens arquetípicas, metáforas visuais). Em alguns casos, o clipe faz a letra "virar filme", ampliando os sentidos do texto; em outros, o clipe reorienta a interpretação, enfatizando glamour, violência ou espiritualidade.

A discussão dessa dinâmica mostra que a intertextualidade contemporânea se desloca para além da palavra e exige letramento multimodal. Reconhecer a referência é apenas o primeiro passo; compreender como a referência é reconfigurada pela montagem, pela cor, pelo figurino e pela coreografia é o que produz análise mais consistente. Isso também implica reconhecer que, na cultura contemporânea, o texto "vive" em múltiplas versões (música, clipe, performances, entrevistas) e que o sentido se distribui nesse ecossistema.

3.6) Funções políticas do intertexto: memória, denúncia e disputa por legitimidade

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

Ao comparar ocorrências intertextuais nos três campos, identificamos três funções políticas dominantes. A primeira é a **função de memória**: intertextos funcionam como arquivo, convocando passado coletivo e genealogias culturais. O rap, nesse sentido, aparece como narrativa memorialista, frequentemente conectada à memória familiar, ao bairro e à história racial e de classe. A segunda é a **função de denúncia**: referências literárias e cinematográficas podem operar como "espelhos" para evidenciar injustiças, reencenando tragédias sociais e apontando a repetição histórica da violência. A terceira é a **função de legitimidade**: ao dialogar com cânones, o rap disputa capital cultural e desloca a fronteira do que é reconhecido como literatura. Essa disputa não é apenas estética; é institucional: ela se manifesta em prêmios, currículos escolares, festivais, crítica e mercado editorial.

A literatura, por sua vez, também se reconfigura nesse jogo: obras literárias contemporâneas que incorporam ritmo do rap, oralidade e montagem cinematográfica produzem novas formas de narrar e ampliam o repertório do próprio campo literário. Assim, a intertextualidade não é uma via de mão única (rap "citando" literatura/cinema); é um circuito de retroalimentação que reestrutura campos culturais.

3.7) Tensões e limites: apropriação, exotização e a armadilha da referência vazia

A análise também revelou tensões. A intertextualidade pode se tornar superficial quando reduzida a uma estética de "referência vazia", isto é, quando citar substitui narrar, e quando a referência funciona como ornamento sem função. Em alguns objetos, a colagem de alusões cria um texto "cheio de nomes" mas pobre em elaboração narrativa. Outro limite é o risco de **apropriação**: o cinema e a literatura podem usar o rap e a periferia como "recurso de autenticidade" sem ceder centralidade a vozes periféricas. Nesse caso, a intertextualidade vira instrumento de consumo cultural: a estética periférica é explorada enquanto a autoria periférica é marginalizada. A terceira tensão é a exotização do sofrimento: narrativas podem transformar violência social em espetáculo, gerando uma intertextualidade que reforça estereótipos em vez de problematizá-los.

Essas tensões são fundamentais para a discussão, porque mostram que

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

intertextualidade não é, por si, emancipatória. Ela é uma ferramenta, e como toda ferramenta, sua ética depende do uso. Portanto, um dos resultados mais importantes foi demonstrar que a análise intertextual precisa sempre perguntar: qual a direção do poder nesse diálogo? Quem cita quem? Quem ganha legitimidade? Quem é reduzido a cenário?

3.8) Modelo interpretativo final: três modos de intertextualidade no triângulo literatura–rap–cinema

A partir dos padrões encontrados, propomos um modelo interpretativo com três modos predominantes de intertextualidade no triângulo analisado:

1. **Intertextualidade de filiação**: o texto reconhece genealogias, presta homenagem e reivindica pertencimento a tradições (literárias, musicais, cinematográficas). Aqui, a referência funciona como raiz e continuidade.
2. **Intertextualidade de conflito**: o texto cita para contestar, inverter e denunciar; a referência é usada contra o próprio repertório dominante, em gesto crítico. Aqui, intertextualidade é disputa.
3. **Intertextualidade de montagem**: o texto constrói sentido por colagem, sample, fragmento e justaposição; a referência é matéria-prima para uma narrativa nova, que só existe como remix. Aqui, intertextualidade é método composicional.

Esses três modos raramente aparecem isolados; eles se combinam, mas geralmente um deles prevalece em cada objeto. O modelo ajuda a entender por que rap, cinema e literatura contemporânea se encontram com tanta intensidade: todos operam, em alguma medida, com montagem e circulação de signos, produzindo uma cultura narrativa em rede.

3.9) Implicações para pesquisa e ensino: letramento literário e midiático integrados

Como desdobramento, os resultados indicam implicações diretas para estudos de linguagem e para práticas pedagógicas. Do ponto de vista acadêmico, torna-se pouco produtivo analisar rap apenas como “tema social” ou cinema apenas como “indústria” sem considerar a sofisticação formal e a dimensão intertextual. Do ponto de vista escolar, trabalhar intertextualidade entre literatura, rap e cinema pode

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

fortalecer letramento literário e midiático de maneira integrada: ler metáforas e narradores; interpretar montagem e enquadramento; reconhecer citações e discutir funções. Isso também tem potencial democratizante: aproxima estudantes de repertórios clássicos sem impor hierarquias opressivas, e ao mesmo tempo reconhece o rap como texto legítimo de análise crítica.

4. Considerações Finais

A investigação sobre a intertextualidade entre narrativas literárias, rap contemporâneo e cinema permitiu evidenciar que o diálogo entre essas linguagens não é periférico, mas constitutivo da cultura narrativa contemporânea. Ao longo da análise, verificou-se que a intertextualidade se manifesta em múltiplos níveis — verbal, material/sonoro, visual e estrutural — e opera como estratégia estética, política e identitária. Em termos estéticos, a circulação de citações, alusões, samplings e referências cinematográficas reorganiza formas de narrar, intensificando procedimentos de montagem, fragmentação e polifonia; em termos políticos, esses intertextos funcionam como mecanismos de memória, denúncia e disputa simbólica; e, no plano identitário, contribuem para a afirmação de pertencimentos territoriais, raciais e de classe, bem como para a reivindicação de legitimidade cultural por sujeitos historicamente marginalizados.

Os resultados reforçam que o rap contemporâneo atua como narrativa complexa e híbrida, que articula testemunho social, lirismo e montagem, dialogando simultaneamente com tradições literárias (crônica urbana, romance social, poesia moderna) e com gramáticas audiovisuais (enquadramento, cena, roteiro, ritmo de montagem). O cinema, por sua vez, aparece tanto como matriz de imaginário e repertório de gêneros quanto como instância de reescrita e disputa: pode ampliar perspectivas e deslocar pontos de vista, mas também pode incorrer em exotização e apropriação quando mobiliza a estética periférica como “selo de autenticidade” sem centralidade autoral. Já a literatura contemporânea, ao incorporar oralidade, ritmo e procedimentos de montagem típicos do rap e do audiovisual, demonstra a plasticidade do campo literário e sua capacidade de se reconfigurar em diálogo com expressões culturais de circulação ampliada.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

Ao mesmo tempo, a pesquisa evidenciou limites e tensões. A intertextualidade pode se tornar uma “referência vazia” quando reduzida a ornamento, e pode reproduzir hierarquias quando opera como apropriação estética descolada de compromisso crítico. Por isso, a leitura intertextual precisa ser acompanhada de uma pergunta decisiva: **qual é a função do intertexto e como ele redistribui (ou mantém) relações de poder e legitimidade cultural?** Essa questão é especialmente relevante em contextos educativos e acadêmicos, nos quais o reconhecimento da diversidade de repertórios pode contribuir para práticas de letramento literário e midiático mais democráticas, desde que não se percam critérios de análise formal e de reflexão ética.

Como contribuição, o estudo propôs um modelo interpretativo que organiza os diálogos intertextuais em três modos predominantes: **filiação** (homenagem e genealogia), **conflito** (contestação e subversão) e **montagem** (remix e colagem). Esse modelo pode orientar pesquisas futuras e análises comparativas em diferentes corpora, inclusive em produções de outras cenas musicais, cinematográficas e literárias. Para investigações posteriores, recomenda-se aprofundar: (i) análises de recepção (como públicos distintos reconhecem e interpretam intertextos); (ii) estudos de autoria e indústria cultural (como circulação e mercado modulam escolhas intertextuais); (iii) abordagens de equidade cultural e representação (como raça, classe e território atravessam as dinâmicas de citação e legitimação); e (iv) pesquisas pedagógicas sobre práticas de ensino que integrem literatura, rap e cinema com rigor teórico e respeito aos repertórios dos estudantes.

Em síntese, conclui-se que a intertextualidade entre literatura, rap e cinema constitui um dos principais mecanismos pelos quais a cultura contemporânea organiza suas narrativas, preserva memórias, disputa sentidos e reinventa tradições. Mais do que identificar referências, importa compreender como elas operam: quando emancipam, quando criticam, quando arquivam, quando reproduzem estereótipos. Essa compreensão amplia o olhar sobre o presente, revelando que as fronteiras entre linguagens são atravessadas por fluxos e reescritas constantes — e que é nesse movimento, simultaneamente estético e

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

social, que se desenham as novas formas de narrar o mundo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *The dialogic imagination: four essays*. Austin: University of Texas Press, 1981.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. *Film art: an introduction*. 9. ed. New York: McGraw-Hill, 2008.

CHANG, Jeff. *Can't stop won't stop: a history of the hip-hop generation*. New York: St. Martin's Press, 2005.

CRESWELL, John W. *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2014.

GENETTE, Gérard. *Palimpsests: literature in the second degree*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1982.

GENETTE, Gérard. *Paratexts: thresholds of interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HALL, Stuart. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage/Open University, 1997.

HUTCHEON, Linda. *A theory of adaptation*. New York: Routledge, 2006.

KITCHENHAM, Barbara. Procedures for performing systematic reviews. Keele: Keele University, 2004. (Technical report).

KRISTEVA, Julia. Word, dialogue and novel. In: KRISTEVA, Julia. *Desire in language: a semiotic approach to literature and art*. New York: Columbia University Press, 1980. p. 64-91.

LESSIG, Lawrence. *Remix: making art and commerce thrive in the hybrid economy*. New York: Penguin Press, 2008.

MILES, Matthew B.; HUBERMAN, A. Michael; SALDAÑA, Johnny. *Qualitative data analysis: a methods sourcebook*. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2014.

OKOLI, Chitu. A guide to conducting a standalone systematic literature review. *Communications of the Association for Information Systems*, [S. l.], v. 37, p. 879-910, 2015.

RAJEWSKY, Irina O. Intermediality, intertextuality, and remediation: a literary perspective on intermediality. *Intermédialités*, Montréal, n. 6, p. 43-64, 2005.

ROSE, Tricia. *Black noise: rap music and black culture in contemporary America*. Hanover: Wesleyan University Press, 1994.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 07/03/2026
Vol: 13.02
DOI: 10.66104/6rbv8d62
Pages: 1-23

SCHÖN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

STAM, Robert. *Literature through film: realism, magic, and the art of adaptation*. Oxford: Blackwell, 2005.